

## Formas de tratamento e preservação da face em interações verbais online

Maria Aldina Marques\* & Isabel Margarida Duarte\*\*

\*ILCH-CEHUM, \*\*Universidade do Porto, CLUP

### Abstract:

The forms of address constitute a complex system that regulates the interpersonal relations created in the situation of communication. It is a pragmatic category with direct impact on the relations established by each social and linguistic community. As we have already mentioned in a previous unpublished communication, some forms of pronominal address, the forms *Tu*, *Vós*, *Você* and *Vocês* are a current social concern, which speakers refer to on social networks but also in more traditional public discourses, such as political discourse and media discourse or academic discourse. We aim to analyse and systematize the way in which speakers represent, in explicit comments, but also implicitly, the functions and values of these forms of address in the construction of a (im)polite speech. Within a discursive-pragmatic approach, the present analysis combines interpersonal relations and the politeness theory, in particular the pragmatic concept of face. Data for analysis were collected from web sites, namely blogs and *Facebook*.

**Keywords:** address forms; face; interpersonal relations; the speakers' perceptions; social networks

**Palavras-chave:** Formas de tratamento; face; percepções do falante; relações interpessoais; redes sociais

### 1. Introdução

As formas de tratamento (a partir de agora FT) constituem um sistema complexo que regula, a partir de vários parâmetros, as relações interpessoais criadas em situação de comunicação. São por isso uma categoria pragmática com impacto direto nas relações estabelecidas por cada comunidade social e linguística. Mas, mais ainda, no caso do Português Europeu, o sistema é particularmente complexo. Da investigação realizada neste domínio, elencamos, entre outros, e para além do texto inicial de Lindley Cintra (1972), Carreira, 1997, 2002 e 2004; Duarte, 2010, 2011; Gouveia, 2008; Hammermueller, 2004; Marques, 2010, 2014, 2017a e 2017b, Oliveira, 1993.<sup>1</sup> Dadas as mudanças sociais em curso, e embora a relação não seja especular, as formas de tratamento dão conta de grande instabilidade, amplificada por questões diafásicas e idiossincráticas<sup>2</sup>. Há a acrescentar, ainda, uma relativa variação diatópica no que a elas diz respeito.

São assim defetivas, quando não erróneas, percepções de que *Vós* já não se usa, *Vocês* é a forma de tratamento que o veio substituir, *Você* é a forma prototípica do tratamento de terceira pessoa ou que *Tu*. Marca uma relação de proximidade.<sup>3</sup>

Pretendemos mostrar como estas FT ocorrem e interagem com a noção de preservação da face, em contexto digital, dado que nas redes sociais a construção da imagem de si e dos outros é particularmente sensível e visível, tendo em conta as especificidades das relações interpessoais explicitamente estabelecidas num quadro de interação diferida e não presencial. As imagens de cada locutor são auto e heteroconstruídas e, para essa construção, contribuem muito diretamente as formas de tratamento.

O objetivo desta apresentação é, pois, analisar o modo como os falantes representam, discursivamente, a função e importância das formas de tratamento na construção de um discurso (des)cortês.

<sup>1</sup> Destacamos, obviamente, o trabalho seminal de Brown e Gilman (1960) no despertar desta temática, a nível internacional.

<sup>2</sup> A não especularidade das FT relativamente à estratificação social é assinalada por E. Coseriu (1990: 45): "...sociedades muito diferenciadas podem ter sistemas de formas de tratamento muito simples (cf. o caso do latim que empregava tu para qualquer interlocutor) e sociedades pouco (ou menos) diferenciadas podem ter sistemas de tratamento muito complexos."

<sup>3</sup> Sobre as relações interpessoais, ver Brown e Gilman (1960) e Kerbrat-Orecchioni (1995)



Faremos a análise das formas de tratamento *Tu / Vós / Você / Vocês* em contexto de alocação, como formas de tratamento pronominal, pontualmente confrontadas com FT nominais, e tendo em conta a discussão social que em torno delas se gera em alguns comentários do *Facebook* de natureza metadiscursiva. Tais comentários têm geralmente a ver com algo sentido como inadequação ou disfuncionalidade do seu uso, pelos participantes na interação.

## 2. Cortesia linguística, formas de tratamento e redes sociais

Como já referimos em comunicação anterior ainda não publicada (Marques, 2017a e 2017b), algumas formas de tratamento pronominal, as formas *Tu, Vós, Você e Vocês*, constituem uma *preocupação social*, de que os falantes reiteradamente dão conta nas redes sociais, mas também em discursos públicos mais tradicionais, como o discurso político e o discurso mediático ou o discurso académico. Daí que seja necessário voltar a esta questão para a analisarmos agora num suporte específico, em que se tem acesso a uma diversidade de registos, desde o uso informal (que inclui gralhas e outros “ruídos” linguísticos), dado o imediatismo característico da escrita feita segundo o que se pode designar como um *ritmo de oralidade*, a usos mais vigiados, em função das características dos participantes, das imagens prévias que, em particular, os acompanham e condicionam.<sup>4</sup>

O contexto em que estudaremos as formas de tratamento selecionadas é o da rede social *Facebook*, porque, aí, as relações interpessoais ganham particular saliência, dado que é em torno delas que as mensagens se organizam (Seara e Cabral, 2017). É por isso que, nos diferentes *posts* e respetivos comentários que constituem os dados de análise, é particularmente importante a construção da imagem de si e dos outros, indissociável de um contexto de cortesia ou de descortesia. Com efeito, em situação de desacordo, as FT podem ser um mecanismo de reforço, ou mesmo de desencadeamento de uma relação interacional conflituosa, penalizadora da imagem dos interlocutores. De facto, cresce a agressividade de quem ataca o outro tratando-o de forma descortês, mas quem assim age não cuida obviamente da sua própria imagem. O uso adequado das formas de tratamento é importante na preservação da face de si e dos outros. Por essa razão, para preservar a sua face, nomeadamente em determinados murais, o locutor prefere não atacar a face do outro, tratando-o com cortesia. Se, por exemplo, em páginas públicas de jornais, televisões e outros *media*, nos comentários predomina a descortesia e o insulto, mais do que a serena troca de ideias (1), há páginas do *Facebook* em que os comentadores se esforçam por usar de cortesia linguística, apesar do dissenso (2). No primeiro, o juízo valorativo negativo da imagem do adversário é agregado ao uso da forma de tratamento de segunda pessoa, enquanto, no segundo, o evitamento de conflito, se faz pelo recurso a formas de tratamento nominais valorativas, ao humor e à reorientação temática para assuntos consensuais.

(1) **Relvas Analytics**Alberto Api

01/08/2018

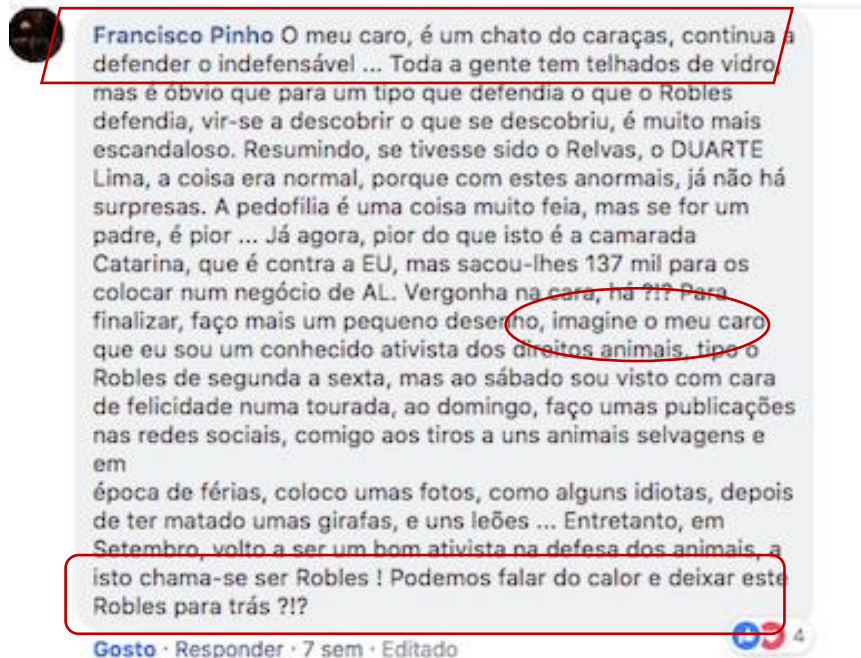
2 mil milhões de euros foi o valor de fundos comunitários não utilizados, desperdiçados em 4 anos pelo governo de Passos Coelho por incompetência administrativa ...e tu preocupado com os 150 mil euros da Catarina! ...maior mesquinhez é impossível!

<https://observador.pt/especiais/do-despejo-imediato-a-demissao-nove-perguntas-e-respostas-que-explicam-o-caso-robles/#>

<sup>4</sup> Sobre a linguagem da internet, ver Crystal (2011).



(2)



A página de *Facebook* dá lugar a um quadro plurilogal que agrega participantes com papéis comunicacionais diversos. De facto, a interação no *Facebook* não é só entre o dono da página e os comentadores, mas também se dá entre os vários comentadores; fazem ainda parte do quadro interativo aqueles que não comentam com palavras mas com gestos de aprovação ou desaprovação (likes, sinais de zanga, etc.) e mesmo os que só leem e não deixam qualquer sinal dessa leitura. É, como referido, uma relação pautada muitas vezes pelo desacordo e agressividade. O *Facebook* é uma rede fortemente polifónica, marcada pela circulação de interlocutores e de discursos. Há, assim, o *post* inicial da autoria de um locutor ou partilhado de outro mural, comentários sobre o *post*, comentários aos comentários, ligações mas também polémicas entre os comentadores, sem intervenção do dono da página.

A análise está, pois, enquadrada pela *teoria das faces*, que Brown e Levinson (1987) elaboram a partir da teoria do conceito de *face* do sociólogo Erwin Goffman (1967,1981) e que é na verdade uma *teoria da cortesia*.<sup>5</sup> Kerbrat-Orecchioni (1992), retomando numa perspetiva crítica estas propostas anteriores, aponta quatro conceitos-base: face positiva; face negativa; cortesia positiva; cortesia negativa. São estes quatro conceitos que enquadram melhor e permitem compreender mais criticamente, quer o cuidado posto pelo locutor no uso de certas formas que espera serem adequadas ao interlocutor, quer o melindre quando se acha agredido pelo uso de uma forma não adequada, quer a capacidade que alguns locutores têm de encontrar a forma que vai ofender e agredir a face do interlocutor, ou ainda a capacidade de ignorar a agressão que sofre.

As FT são uma categoria linguístico-discursiva fundamental para a construção dessa relação de (des)cortesia. Ainda que nos centremos nas formas pronominais de alocação, consideramos a proposta de análise em três subcategorias, locução, alocação e delocução (Carreira, 1998, 2001 e 2004).

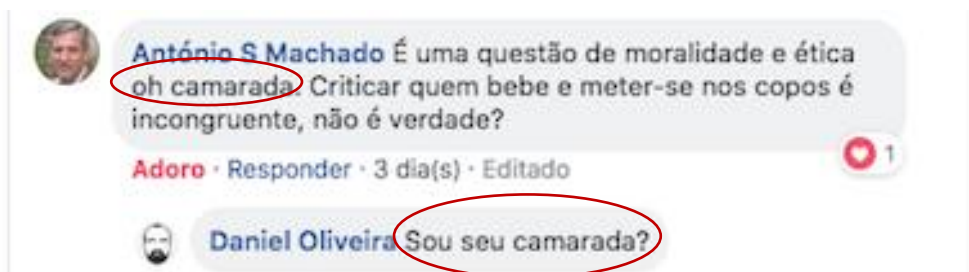
<sup>5</sup> A teoria da cortesia linguística é apresentada por Kerbrat-Orecchioni (2004: 43-44) como forma de preservar as relações interpessoais, "... um conjunto de estratégias de proteção e de valorização das imagens dos interlocutores a fim de preservar «a ordem da interação.»"



A perspetiva, tradicional, da sociolinguística, categorizando as FT em função de estratos sociais estáveis (que designaremos como “uso convencionalizado”), não esgota a análise do seu funcionamento, condicionado também por restrições diatópicas e, muito particularmente, por questões diafásicas. São os contextos sociais e os contextos mais restritos de cada interação, em que os interlocutores têm uma influência forte, em função das suas idiossincrasias, que de forma direta interferem nas FT a usar e nos valores semântico-pragmáticos que adquirem.

Considerem-se os exemplos abaixo. O uso inadequado das formas de tratamento nominais, em (3), a propósito do caso Robles, provoca a reação imediata do interlocutor, Daniel Oliveira, em defesa da sua face negativa. O facto de o interlocutor o interpelar por meio da forma nominal “oh camarada”, demasiado próxima e informal, é sentido como um ataque à face. Note-se, no entanto, que embora seja sobre a FT que Daniel Oliveira vai construir a réplica, o ato de crítica feito por António Machado, que põe em causa a coerência política de Ricardo Robles, não é alheio à tensão interpessoal criada.

(3)



É uma reação que coloca o outro à distância. Note-se que é apenas a relação interpessoal que é contestada, num movimento metadiscursivo que constitui a totalidade da réplica reativa. O ato de pergunta, que tem implícita a negação da relação interpessoal tal como foi formulada pelo locutor anterior, torna-se agressivo. O locutor atual recusa ao outro o lugar que ele pretendeu assumir na interação. Sendo uma reação de autoproteção da face, é simultaneamente um ato ameaçador da face do alocutário, porque lhe recusa o lugar que quis assumir na interação.

O segundo exemplo de um uso agressivo, por inadequação da FT, está presente em (4) e (5). Em situação de delocução, o locutor escolhe como formas de tratamento, as formas nominais “Dona” e “senhor”, descritas, segundo critérios globais sociolinguísticos, como formas de respeito, mas que assumem aqui um carácter ofensivo, por inadequação na referenciação dos políticos Catarina Martins, Ricardo Robles e Luís Fazenda. Em discursos públicos, e nos meios de comunicação social em especial, a forma de tratamento “adequada”, isto é, usual e neutra é usualmente constituída por nome próprio e sobrenome. A opção por outras formas de tratamento procede de uma falha na competência comunicativa do locutor ou de uma atitude avaliativa que visa depreciar o objeto discursivo. No caso vertente, a ocorrência de formas de tratamento genéricas em contextos de crítica e mesmo de insulto reforça um juízo depreciativo:

(4) A **D. catarina martins** não gosta nada dos neoliberais de Bruxelas, mas não resistiu em pedir um apoio (provavelmente a fundo perdido) de cerca de 150.000 para as obras dos Alojamentos Locais propriedade da família...

<https://observador.pt/especiais/do-despejo-imediato-a-demissao-nove-perguntas-e-respostas-que-explicam-o-caso-robles/#>



(5) Não me parece pelo que li, em diagonal, que haja ilícitos. O que é de uma sem-vergonha de se lhe tirar o chapéu é a duplicidade praticada pelo **sr. Robles**: (...) **O sr. Robles** tem direito a fazer os negócios que entender, (...). Não tem verticalidade. E com ele se vê o que vai no dito BE, com a exceção (avisada) do **sr. Luís Fazenda** que demonstrou alguma inteligência (concedo-lhe o benefício da dúvida).

<https://observador.pt/especiais/do-despejo-imediato-a-demissao-nove-perguntas-e-respostas-que-explicam-o-caso-robles/#>

### 3. Comunicar em espaço digital

Os dados para análise, como já referido, são variados e foram recolhidos sobretudo do *Facebook*, mas também de outros suportes digitais: de *sites* e artigos jornalísticos de opinião.

Selecionámos o espaço digital por ser um espaço social dinâmico e influente, que proporciona a discussão das relações sociais e pessoais, como parte da discussão mais ampla da atualidade social. Aí, selecionámos as páginas de Mário de Carvalho e de Daniel de Oliveira como núcleo da análise a realizar.

Na página de MdC, em particular, os interlocutores-comentadores, por uma questão de construção da imagem de si, de preservação do *ethos* pré-discursivo, são geralmente corteses (destacando-se face a um ambiente muitas vezes conflituoso) e preocupados com o modo como escrevem. São raros os erros, as gralhas e as inadequações de registo.

O próprio MdC dá conta desta imagem coletiva positiva, num *post* do Verão de 2018, em que fala da interrupção da sua atividade devido às férias: “tenho lidado com *gente muito selecta que, por isso mesmo, me tem poupado a alarvidades e javardices*. Mesmo quando se pronuncia sobre assuntos infantis, como os do futebol, procura, apesar de tudo, manter alguma elevação.”. A agressividade não está ausente, mas não é predominante, como se deduz, aliás, do excerto citado.

Esta elevação tem obviamente que ver com a construção da *imagem de si* do locutor, responsável pela página, mas também com as imagens, nomeadamente as imagens prévias, de alguns dos seus interlocutores.

Entre os “amigos” de MdC, ainda que se contem “anónimos”, estão figuras públicas, cuja imagem “tem” de ser preservada. Há, neste caso, um particular cuidado na construção da imagem própria dos diferentes locutores.<sup>6</sup> Talvez por isso, diferentemente do que acontece quanto à identificação dos comentadores das páginas dos *media*, não encontramos, na página de MdC, nenhum dos *nick names* por detrás dos quais se mantém o anonimato, e também as abreviaturas, por exemplo. Algo semelhante se passa com outras páginas de figuras públicas. Com muito mais polémica e muito menos cortesia, no mural de Daniel Oliveira, não deixa de haver, de uma forma geral, adequação discursiva e preocupação com o uso das formas de tratamento. Em ambas as páginas, a negociação implícita e explícita das formas de tratamento está presente, mas, mais ainda, as FT são com frequência objeto de discurso.

<sup>6</sup> “Chegou, de novo, a ocasião de me despedir por uns tempos. Paradoxalmente, a escrita no FB tem dois efeitos contraditórios:

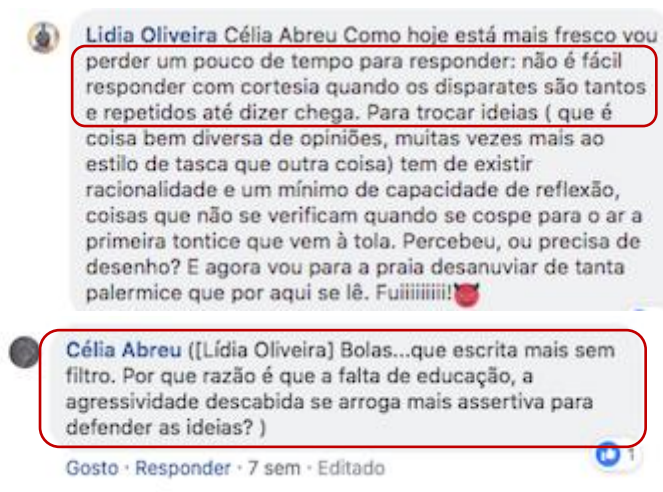
1) Inscreve-se em fumaça que breve rodopia, se desvanece e some. Amanhã por nenhures andar. Cumpriu, arejou, voejou, desandou. O grácil desabafo mal foi dito, já foi esquecido. Mas

2) fincam-se marcas ocultas, em fundos ignotos, a depor para sempre. Uns soltos remoques ao calhas, petrificam-se e resvalam para as profundas, em indesmentível testemunho de pedra eterna. Seja como for, tem sido um prazer estar e comunicar convosco. Brinquei, zombei (às vezes sob uma secreta névoa de amargura), fui zombado. Aprendi alguma coisa, também com as opiniões dissonantes. Mais não sendo, assinalai outros pontos de vista a merecer tomarem-se em conta. Creio que valeu a pena suscitar a questão do «você» e adiantar a proposta da recuperação do «vós». Causa perdida? Outros porfiarão nestas pendências melhor do que eu. Tenho lidado com gente muito selecta que, por isso mesmo, me tem poupado a alarvidades e javardices. Mesmo quando se pronuncia sobre assuntos infantis como os do futebol, procura, apesar de tudo, manter alguma elevação. Grato estou. Resistirei à tentação dos «gostos» e «comentários», renúncia, como sabeis, nada cómoda. Mantenho as «mensagens» em aberto. Entretanto há muito a ver (e a fazer) na vida real. Que mais não seja, ir andando. Tenciono regressar daqui a uns tempos, vá-se lá saber quando. Entretanto, deixo um forte abraço a todo(a)s.



Por isso, considerámos que estas páginas se constituem como um caso prototípico no que concerne a usos e a reflexões metadiscursivas sobre as formas de tratamento, que dão conta das percepções dos falantes. Esta questão, estreitamente relacionada com a problemática da cortesia, é um tópico marcante (nestas e noutras páginas). Nos exemplos seguintes, da página de Daniel de Oliveira, os participantes dão conta da importância da relação cortês para justificar, por contraste, a relação interpessoal descortês escolhida:

(6)



Na página de MdC, as FT são um tema assinalado pelo autor, como uma questão a destacar nas muitas trocas discursivas registadas: “Creio que valeu a pena suscitar a questão do «você» e adiantar a proposta de recuperação do «vós». ””

#### 4. Usos e valores das formas de tratamento *Tu*, *Vós*, *Você*

Vamos centrar-nos na discussão social gerada em torno de *Tu*, *Vós* e *Você*.

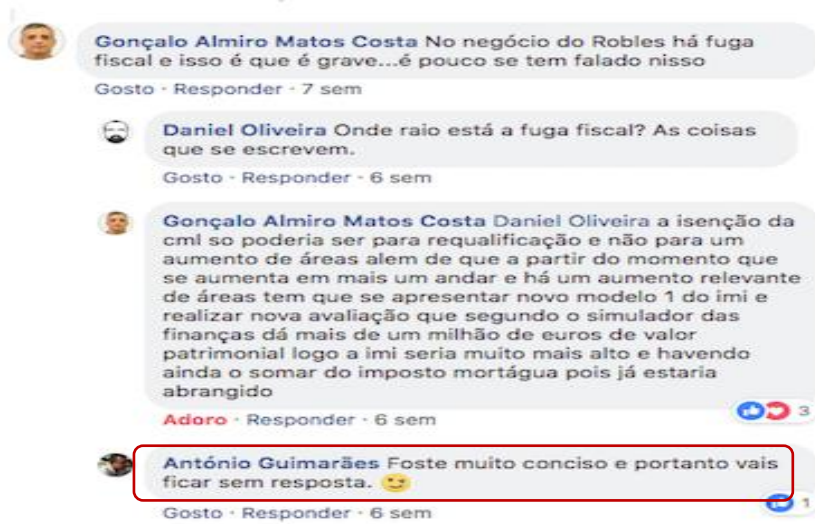
##### 4.1. Usos e valores de *Tu*

*Tu* assume dois valores pragmáticos fundamentais, um de proximidade afetiva ou intelectual e outro de distanciamento agressivo. Como outras FT, *Tu* é sensível ao contexto. Marca uma relação de proximidade informal pré-existente ou participa na criação de uma coligação interacional.

Em (7) e (8), abaixo, *Tu* ocorre como reação ora positiva ora negativa, ilustrativa destes dois valores pragmáticos. Nestes contextos de cumplicidade, que levam a coligações interacionais, *Tu* assinala a proximidade de opiniões, a defesa de um mesmo ponto de vista (no exemplo abaixo, o *emoticon* reforça essa proximidade):



(7)



Quando não assinala, efetivamente, a proximidade entre os interlocutores, o uso de *Tu* releva da descortesia linguística e é fortemente ofensivo, dando, frequentemente, azo a protestos daquele a quem o *Tu* se dirige.

Em (8), a mudança de terceira pessoa (“o Daniel assume não está preparado...”) para segunda pessoa do singular (“Fantástico! Fala então de ética. No teu texto falas do moral e do legal...”) acompanha um crescendo de agressividade:

(8)



No exemplo seguinte, também em contexto de confronto, há uma recusa da relação proposta pelo uso da FT de segunda pessoa. O segundo locutor insiste no tratamento de terceira pessoa, ignorando a mudança de tratamento e a agressão que carrega, enquanto ato de descortesia:

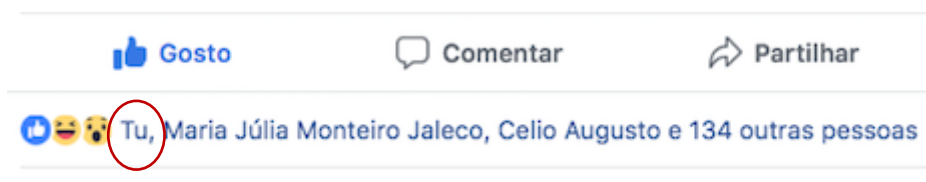
(9)



São usos que acentuam a assimetria da FT *Tu*, marcada em outros contextos, nomeadamente, de idades, de estatuto profissional ou de classes sociais, mas sem a agressividade que aqui gera.

Finalmente, é de salientar novos usos determinados pelo suporte digital, nomeadamente. O *Facebook* assume uma relação de proximidade com todos os frequentadores desta rede social, no uso da forma de segunda pessoa *Tu*

(10)



#### 4.2. Usos e valores de *Vós*

*Vós* não é uma FT socialmente valorizada. Dada como forma em desuso, no PEC (Cunha e Cintra, 1984; Rodrigues Lapa, 1984), por linguistas e gramáticos, é sentida pelos falantes como “forma errada” (Marques, 2017). Até os meios de comunicação chegam a veicular essa conceção, como no exemplo abaixo em que o enunciado do Presidente da República Portuguesa, “*Vós* sois os melhores dos melhores” apareceu em legenda como “Vocês são os melhores dos melhores”:





(11)

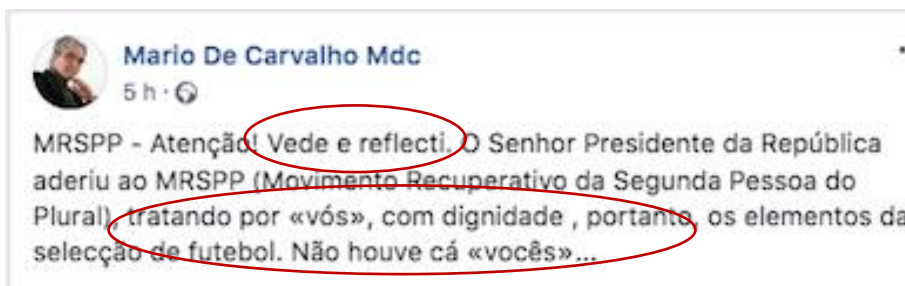


Pese embora tais percepções, consideramos que “as *ocorrências de Vós* em interações verbais diversas dão conta de uma complexidade que não tem sido devidamente descrita.” (Marques, 2017). A acrescentar aos usos já determinados, as ocorrências nas redes sociais constituem mais um sinal de que o pronome tem contextos de uso muito bem definidos, onde o substituto *Vocês* não é adequado.

Há, portanto, opiniões divergentes quanto ao uso de *Vós*, que têm expressão nas discussões desencadeadas na página de MdC, discussões muito significativas por revelarem as representações que cada locutor tem do uso e do valor deste pronome de tratamento.

Por um lado, há uma percepção de um uso efetivo, atual. MdC defende o uso de *vós* como forma de alocação para a segunda pessoa do plural, em contextos mais formais, como forma de tratamento deferente<sup>7</sup>. É o que acontece quando, defendendo o *Vós* em lugar do *vocês* como forma mais adequada de o Presidente da República se dirigir publicamente aos elementos da seleção nacional, MdC escreve:

(12)



Mas, por outro lado, ocorre um registo irónico que se ancora no ponto de vista arcaizante. Nos dados em análise, *Vós* é motivo de representações muito interessantes por parte dos comentadores: alguns usam-no para

<sup>7</sup> Inventa, a dada altura, um denominado MRSP (Movimento Recuperativo da Segunda Pessoa do Plural), onde ouvimos o eco do MRPP, com muito humor). O “movimento” é recebido com humor também, mas, por vezes, alguma incompreensão, como quando os comentadores exageram no uso do *Vós*, quase o tornando uma caricatura, ou quando usam o *Vós* para a 2ª pessoa do singular, emprego inadequado por ter caído em desuso, ou quando parodiam o *Vós* como forma exclusiva da Igreja.



referir um locutor individual, de forma claramente anacrónica, em tom irónico; outros exageram na frequência com que o usam, pretendendo com isso fazer uma caricatura do uso legítimo, que na realidade não compreendem:

(13)



Em registo mais sério, *vós* é categorizado como arcaísmo:

(14) ... por mais que se lute, não há volta a dar. É um processo irreversível. A língua muda quer desejemos quer não.

Uma outra questão a ter em consideração está relacionada com a relação entre forma de singular e forma de plural. *Vós* nem sempre é o plural da forma de segunda pessoa/singular. Em usos deferentes, a distinção entre segunda e terceira pessoas do singular é neutralizada na categorização como tratamento de 2ª ou 3ª pessoas do plural. Daí a heterogeneidade de formas copresentes (Marques, 2017). A instabilidade que resulta da coexistência das duas formas *Vós/Vocês*, se não leva a que as formas se sobreponham, permite, no entanto, zonas de interseção.

Serve, assim, a um tratamento de proximidade, mas também de deferência.

Em ambos os casos, há uma valoração positiva que sublinha uma afetividade positiva no uso de *Vós*. Nos exemplos abaixo, ambos da página de MdC, sobressai o uso de terceira pessoa/plural em contexto de crítica face ao uso da segunda pessoa/plural em contexto de cumplicidade discursiva:

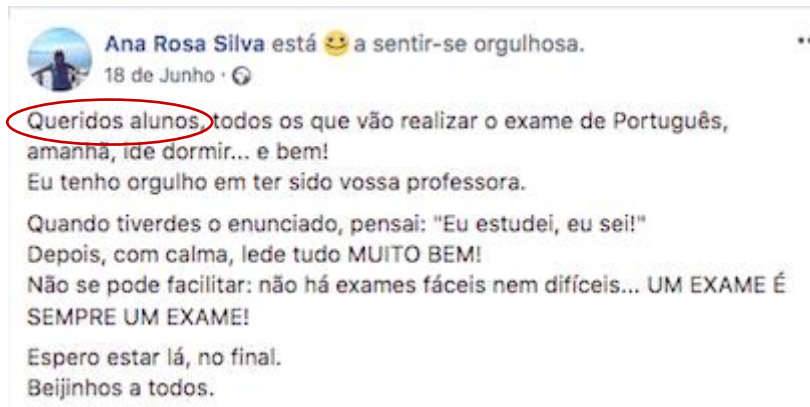
(15) Aos militantes do P.C.P., se houver alguns por aí. **Queiram** explicar aos vossos senhores deputados...

(16) Atenção. Vede e refleti. O sr. Presidente da República aderiu ao MRSPP...

Esta cumplicidade está evidente no exemplo seguinte:

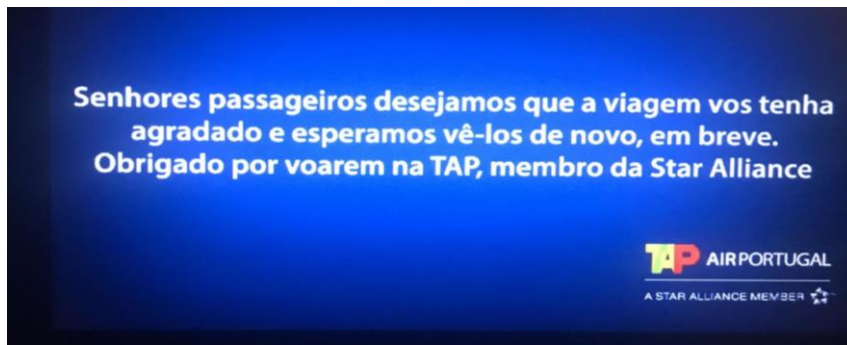


(17)



VÓS é, ainda, uma forma particularmente flutuante em termos dos lugares sintáticos que ocupa, como podemos ver na mensagem final deste voo intercontinental da TAP: na forma dativa, o pronome usado para os “senhores passageiros” é “vós”, mas, logo de seguida, na forma acusativa, em vez de “vos” (ver-vos de novo), temos “vê-los”, em que não se usa a 2ª pessoa do plural, mas a terceira.

(18)



#### 4.3. Usos e valores de *Você*

O pronome *Você* não é aceite por muitos falantes que o consideram uma forma descortês. De facto, tem um valor negativo, já do domínio doxal, evidente na expressão cristalizada de resposta a um tratamento por “você”: “você é estrebaria”. Esta desvalorização, torna a FT apta para contextos de confronto agressivos, frequentes no FB:

(19) Dinis Jesus Lula: Já sei que é idiota... mas não é idiota o você esquecer propositadamente que o homem quer leis anti-especulação...

(20) Sérgio Lobo: as cambalhotas que você dá só porque o homem era do bloco.

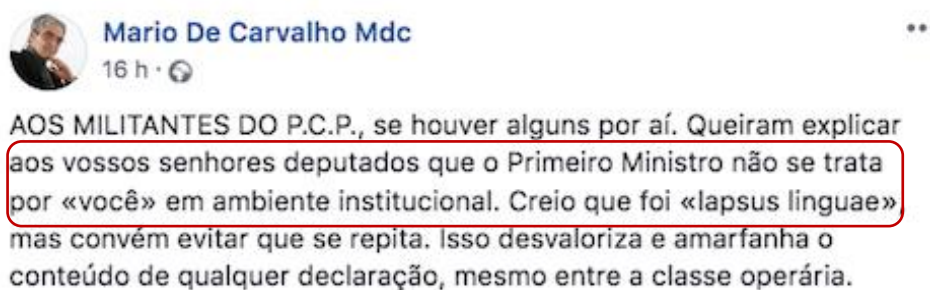


Num outro registo, marcado pela ironia, Isabel Hub Faria chama a atenção para a inadequação do uso da FT *Você*, em função do estatuto dos interlocutores:

(21) Estou mesmo capaz, enquanto espero, de escrever já à Senhora Ministra da Educação a sugerir que institua, desde a primeira aula do ensino básico, o ensino e a prática de cada falante saber (...) como utilizar as formas correctas de tratamento em português europeu! (...). É que ainda estou lembrada de uma faixa que uma associação de estudantes do ensino superior tinha pendurado à porta da escola, por altura de uma visita do Presidente da República, e que começava assim: «*Exmo. Senhor Presidente, você não sabe que...?*». (Isabel Hub Faria, jornal *Público*, 18 de Janeiro de 2006)

MdC sempre assinala sempre os usos públicos inadequados de *Você*:

(22)



É significativo que 137 pessoas tenham reagido positivamente ao post, que ninguém tenha discordado e, sobretudo, que o uso inadequado do *você* seja visto como prejudicial não para quem recebe o tratamento inadequado (neste caso o Primeiro Ministro), mas sim para o locutor que não sabe usar a forma adequada, desvalorizando o que pretende comunicar: “convém evitar que se repita. Isso desvaloriza e amarfanha o conteúdo de qualquer declaração, mesmo entre a classe operária”, ou seja, o locutor apresenta como indissociável da construção global do sentido a junção entre conteúdo, relação interpessoal e imagem de si. O uso inadequado de uma FT prejudica a construção da imagem positiva do locutor, constitui um ato ameaçador da própria face e desvaloriza a interação no seu todo.

MdC exemplifica a posição, radical, de recusa do pronome:

(23) EU nunca (em boa consciência) tratarei um deputado com o foleiro «você». Eu não gosto de ouvir à minha volta o tal «você».

No entanto, uma crescente ocorrência e aceitação por parte de muitos falantes coexiste com esta dimensão negativa. Carlos Gouveia (2008: 94) fala de uma “quase generalização do uso de *você*” enquanto Maria Helena Carreira (2004) sublinha que “... a extensão do uso *você*, que parece irreversível, é por enquanto problemática em Portugal.” A este novo estatuto não será alheio o modo como muitos falantes do PEC se referem ao tratamento de terceira pessoa, designando-o usualmente como “tratar por *você*”.



## 5. Conclusão

As formas de tratamento, não sendo uma categoria linguística que espelha a sociedade, permitem abordar e sistematizar uma dimensão fundamental dos modos como os membros de uma comunidade se relacionam no e pelo discurso. Nas relações interpessoais assim estabelecidas, as formas de tratamento são um dos mecanismos selecionados pelos interlocutores para marcar relações ora de cortesia ora de descortesia. O contexto em que ocorrem e a adequação ao outro, em particular, ativam diferentes valores pragmáticos.

Em função de dados contextuais, diatópicos, diastráticos e diafásicos, na terminologia de Coseriu, e da própria experiência pessoal, da sua “competência comunicativa, ~~os falantes, ou melhor,~~ exprimem-se opiniões variadas, as designadas perceções dos falantes, sobre a língua e os seus usos.

Sobre as FT, em particular, as perceções dos falantes dão conta da divergência de opiniões, desde a recusa da forma *Você*, cujo uso constituiria por si só um ato ameaçador da face do alocutário, mas sobretudo da face do locutor, até à afirmação do anacronismo de *Vós*. Em oposição, registam-se cada vez mais ocorrências do primeiro e, mais do que mera sobrevivência, procurámos mostrar o dinamismo do segundo. A atenção aos usos da língua, nas Ciências da Linguagem, permitiu um conhecimento mais profundo e acurado da situação. De facto, as pesquisas linguísticas têm mostrado outras realidades que infirmam as conclusões apresentadas em meados do século passado, quando *Vós* mereceu de Rodrigues Lapa a designação de “pronomes perdidos”. A pesquisa que realizámos reforça essa conclusão, a partir de um *corpus* de usos online. Retomamos, por isso, e reafirmamos, a nossa convicção inicial: “são assim defetivas, quando não erróneas, perceções de que *Vós* já não se usa, *Vocês* é a forma de tratamento que o veio substituir, *Você* é a forma prototípica do tratamento de terceira pessoa ou que *Tu*. Marca uma relação de proximidade.”<sup>8</sup>

As redes sociais vieram transformar as relações de comunicação, dando espaço a novos interlocutores e a novos usos da língua em discurso. Ainda que limitado aos *posts* do *Facebook*, pode afirmar-se que os falantes veem no uso das formas de tratamento um domínio heterogéneo e complexo, que não reúne consenso.

Com todas as modificações que trouxe aos modos de comunicação pessoal e social, o suporte digital, reitera, no entanto, a importância das relações interpessoais na construção dos sentidos dos discursos.

## Referências

- Brown, Penelope e Levinson, Stephen (1978/1987) *Politeness - some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Brown, Roger & Gilman, Albert (1960) The pronouns of power and solidarity. In Thomas Sebeok (orgs.) *Style in Language*. Cambridge: MIT Press, pp. 253-276.
- Carreira, Maria Helena (2004) Les formes allocutives du portugais européen: évolutions, valeurs et fonctionnements discursifs.  
[http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio\\_paris/ponencias/pdf/cvc\\_araujo.pdf](http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_araujo.pdf)
- Carreira, Maria Helena (2002) La designation de l'autre en Portugais Européen: instabilités linguistiques et variations discursives. Instabilités linguistiques dans les langues romanes”. *Travaux et Documents*, n.º 16, pp. 173-184.
- Carreira, Maria Helena (1997) *Modalisation Linguistique en Situation d'Interlocution: Proxémique Verbale et Modalités en Portugais*. Louvain-Paris: Peeters.
- Coseriu, Eugenio (1990) Fundamentos e tarefas da socio- e da etnolinguística. In Linalda Mello (org.) *Sociedade, Cultura & Língua*. J. Pessoa: Chorin, CCHLA, FUNAPE, UFPS, pp. 28-49.
- Crystal, David (2011) *Internet Linguistics: A Student Guide*. New York: Routledge.

<sup>8</sup> Sobre as relações interpessoais, ver Brown e Gilman (1960) e Kerbrat-Orecchioni (1995).



- Duarte, Isabel Margarida (2011) Formas de Tratamento em Português: entre léxico e discurso. *Matraga* v.18, n.28, pp. 84-101.
- Duarte, Isabel Margarida (2010) Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. In Ana Maria Brito, (org.) *Gramática: História, Teorias, Aplicações*. Porto: FLUP, pp. 133-146.
- Goffman, Erving (1981) *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Goffman, Erwin (1967) *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Doubleday Anchor.
- Gouveia, Carlos (2008) As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em Português Europeu. In Isabel Margarida Duarte e Fátima Oliveira (orgs.) *O Fascínio da Linguagem*. Porto: FLUP, pp. 91-99.
- Hammermueller, Gunther (2004) Adresser ou éviter, c'est la question... Comment s'adresser à quelqu'un en portugais sans avoir recours à un pronom ou à une autre forme équivalente. (sítio do Instituto Cervantes de Paris, consultado em 02/02/2008).  
[http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio\\_paris/ponencias/pdf/cvc\\_hammermueller.pdf](http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_hammermueller.pdf)
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (2004) Es universal la cortesía? In Diana Bravo e Antonio Briz (orgs.) *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, pp. 39-54.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1995) La construction de la relation interpersonnelle: quelques remarques sur cette dimension du dialogue. *Cahiers de Linguistique Française* 16, pp. 69-88.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1992) *Les interactions verbales*. Paris: A. Colin.
- Lindley Cintra, Luís (1972) *Sobre as formas de tratamento*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marques, Maria Aldina (2017a) VÓS, um travo de anacronismo? *VI SIMELP*, Instituto Politécnico de Santarém, de 24 a 27 de outubro de 2017 (comunicação).
- Marques, Maria Aldina (2017b) Formas de tratamento: da estabilidade dos parâmetros sociolinguísticos à instabilidade dos usos discursivos, USP, Brasil, em 18 de setembro de 2017 (conferência).
- Marques, Maria Aldina (2014) Formas de tratamento em Português e discurso televisivo: usos de *você*. In Yana Andreeva (orgs.) *Horizontes do Saber Filológico*. Sófia: Editora Universitária Sveti Kliment Ohridski, pp. 62-73.
- Marques, Maria Aldina (2010) Formas de tratamento e construção da relação interpessoal em *Contos da Montanha* de Miguel Torga. *Revista Galega de Filoloxía*, pp. 61-78.
- Oliveira, Sandi (1993) Um modelo psico-sociolinguístico de formas de tratamento. *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 330-342.
- Rodrigues Lapa, Manuel (1984) *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Seara, Isabel e Cabral, Ana Lúcia (2017) O comentário elogiativo nas redes sociais: estratégias de cortesia valorizadora. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, nº 3, pp. 311-332  
<https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln3ano2017a17>

